



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
 AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

6 de Agosto de 2005 • Ano LXII • N.º 1602
 Preço: € 0,30 (IVA incluído)
 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
 Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
 Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Praticando o Bem

Viagem à Alemanha

A OBRA da Rua em comunhão com a Caritas Portuguesa e a Alemã, patrocinou uma visita de pessoas a trabalhar nas Casas do Gaiato, e noutras obras sociais ligadas à Igreja, a instituições comprometidas com crianças e jovens desprotegidos na zona de Berlim.

Ver o que os outros fazem e como o realizam só pode trazer benefícios. É sempre útil confrontar a nossa experiência com a dos outros e, então, quando se trata de sociedades com níveis económicos tão díspares e ambientes culturais tão diferenciados, mais rico se torna o encontro.

Acusados, como fomos, de atraso no nosso modo de viver e educar os rapazes, mais apetecível se tornou observar como trabalham os Alemães.

As nossas convicções fundamentam-se na natureza do homem, na lei divina e no conhecimento do ambiente sócio-cultural dos rapazes desamparados, dos pobres e dos trabalhadores. Ver o antes e o depois de cada rapaz, enquanto o preparamos para a vida, ajuda-nos a afinar as técnicas.

Espero que o Padre João e

o Padre Júlio integrantes desta missão juntamente com algumas Senhoras da Obra, falem abertamente, sem medo, daquilo que mais os impressionou.

Após a viagem de estudo realizou-se um encontro de todos os elementos para avaliação e confrontos de ponto de vista a que também assisti.

Alguns intervenientes são professores universitários com larga experiência de ensino, de educação, de vida e até da cultura Germânica. Pelos olhos da sua inteligência e do seu coração, todos podemos intuir melhor a realidade observada.

Os Alemães dão muita importância à disciplina, à autoridade e assistem mais às famílias que aos filhos delas. Ou melhor, assistem aos filhos nas famílias e com as famílias.

Ora, aqui temos, um princípio pedagógico social que sempre esteve na prática da Obra da Rua e foi dominante tanto no seu lançamento pelo Padre Américo, como nas décadas seguintes.

A quantas famílias deu a Obra da Rua a sua casa? A quantas ajudou a construir, a reconstruir, a pôr água, luz e casa de banho? A quantos milhares pagou rendas de

casa, água e luz, para que as Senhoras das Comissões, não lhes tirem os filhos, e a quantas não pagamos, ainda hoje, a renda da casa, damos roupa, alimento e medicação?!...

A quantas?...

A Obra sempre foi pela família. Primeiro pela família natural. Se ela tem capacidades humanas, nunca se lhes recebe os filhos. Nunca!... — Dá-se-lhes o necessário.

Tirar os filhos à família é contra a lei natural. Se os pais não têm capacidade humana para educar e promover e são susceptíveis de ajuda de outras pessoas devotadas a esta missão devem ser sempre ajudadas, antes que se lhes tirem os filhos até se provar a sua incapacidade.

Os Alemães têm razão e a Obra da Rua não parece tão atrasada como a ignorância a acusa, pelo facto de ter essa prática ao longo da sua história, como actualmente.

Os Alemães promovem comunidades pequenas com muitos técnicos. Não conhecem o método educativo das Casas do Gaiato. Cada cabeça custa ao Estado, por dia, bastante dinheiro.

Continua na página 4

Tribuna de Coimbra

Quadro enternecedor

FOI ontem, Domingo, o casamento do «Zé Manel» — um dos nossos, há muito fora — com a Maria Helena. A cerimónia era para ser na nossa Capela, mas a ausência do Prior levou-nos para a Matriz, onde, na Missa paroquial, celebrámos o casamento e o Baptismo do seu terceiro filho, o Flávio André. À hora marcada, lá vinham eles, igreja acima, todos sorridentes. À frente, os dois mais velhinhos com as alianças dos pais, cada uma em pequenos açaftes devidamente decorados. Um quadro enternecedor que despertou a atenção dos fiéis. Dissemos, então, da alegria redobrada em celebrarmos o Dia do Senhor.

O incentivo a que dessem este passo já vinha do baptizado do Eurico, o segundo «rebento»: — Que sim — haviam dito. Mas o tempo foi passando e até o papel do civil acabou por caducar! No surgimento do terceiro filho, intensificou-se o nosso contacto e a nossa atenção e preocupação... Nem era para menos. A discussão sobre a vida está na praça pública e não é pelos melhores motivos... Não podíamos deixar de tomar também como preocupação nossa aqueles três lindos «botões de rosa», tão juntinhos à raiz que os gerou: 6, 4 e 1 anitos, tempo de vida que contam. Muito vivos, activos e sorridentes: um espelho de felicidade familiar.

Inteiramo-nos de saber do «ganha-pão». Soubemos que o rapaz, pai de família, é tra-

balhador e artista no que executa, e que há gente ao lado dele que promove qualidades e justa remuneração. Bom augúrio! É claro, ela tem a grandiosa tarefa da criação dos pequenos, altíssima missão nem sempre reconhecida... Que mais se lhe poderia exigir!

Mas os quarenta contos mensais de renda é que não abonariam em nada a tranquilidade deste... lar. Tinham de esticar o cinto até ao último furo, certamente. Muitas mãos se estenderam, e as nossas também, para que o sorriso nunca se apartasse do semblante destes pequeninos. É vê-los, regalados, nos baloiços dos nossos, mal entram o portão. Começamos a ter saudades dos pequeninos que já tivemos. Cresceram. Ultimamente não têm procurado a nossa ajuda para criar outros. Quem dera fosse um sinal de que a nossa sociedade está mais atenta às crianças e à família, seu berço criador! Não fôssemos nós precisos!

Preocupava-nos, pois, o problema da habitação desta família. Em boa hora vagou uma casa do Património dos Pobres. Envolvido este sector da paróquia, encontrou-se a solução. A casa passou para eles, com toda a justiça. Tem água, luz e o indispensável para que esta família possa ter sossego. A casa precisa de alguma reparação ao nível do telhado. A seu tempo isso acontecerá. No

Continua na página 4

Benguela

Festa dum casal

VENHO de celebrar a festa dum casal. Não conheço bem a sua história. Sei, na verdade, que também lhe devo quem sou. Não me deu a carne, nem o sangue. Por ele, contudo, passou o maior título de glória que está em mim: Ser filho de Deus. Por isso, estou feliz.

Quero olhar para a minha vida e ver na vida de cada um(a) de vós a intervenção de alguém, o Pai, que ultrapassa os horizontes limitados do indivíduo e nos projecta na história das pessoas que nos rodeiam e fazem parte dum Povo. Logo de manhã, muito cedo, antes de começar a festa, outro casal veio ao meu encontro. As esposa vai, de urgência, para o hospital, em nossa carrinha; deixa a casa vazia de tudo, com os filhos e o marido. O buraco grande da vida deste lar, no início do dia, ficou cheio. Assim me preparei para a festa de todos os dias. Hoje, foi a festa dum casal que dá pelo nome de Joaquim e Ana.

No regresso, pela avenida larga das mangueiras, na entrada da nossa Casa do Gaiato, cruzei-me com outra mãe e os seus três filhos pela mão. Outros tantos já estão cobertos pela terra. De tão habituada que anda, de mãos dadas com a morte, a gente quase não chora a partida dos seus filhos. A lembrança fica para sempre, é verdade. Com o desgosto escondido por detrás do sorriso dum rapariga de 32 anos, deixada pelo homem ao abandono, caminhava segura e confiante para a escola de costura com a qual pensa ganhar o pão de cada dia. Garantiu-me que gostava de viver só para os seus filhos. Adiantei que lhe daria a mão para se

manter de pé, se o seu propósito for por diante, com o trabalho das suas próprias mãos.

É assim que as nossas vidas se projectam na história das pessoas e dum Povo. Não é com lamentos e mais nada. Os grãos de areia que juntamos são outros tantos momentos de reflexão em nossas vidas que não nos deixam paralisados e indiferentes. Damos conta de que temos uma vocação, que é sinónimo de caminho de felicidade verdadeira, que nos fala dos outros e sem os outros não conseguimos realizá-la. Se isto é verdade para os crentes, não é menos verdade para os que se sentem pessoas portadoras da mesma dignidade humana. A riqueza humana de cada um(a) está na participação do bem que está em qualquer parte da terra, onde vive o homem e a mulher. Por isso, temos de dar as mãos. Nem o tempo, nem a distância são obstáculos.

O futuro está nas crianças, ouve-se dizer. E é verdade. Ando, pois, numa roda viva, para terminar os preparativos dum sala nova para acolher vinte e quatro filhos de dois e três anos. É o segundo passo no caminho do Centro Infantil, inaugurado há dois meses com dez bebés. Sabemos para onde vamos, de mãos dadas com as Irmãs Albina e Rosalina. Este jardim também é regado com lágrimas de homens e mulheres que vivem o drama das mães e dos filhos, sem força para os levarem.

Há dias, andei pelas casas de material de construção civil, à procura de sanitas adequadas para os novos inquilinos da que foi a primeira Casa do Gaiato. Expliquei para quem eram. Sem mais, as lágrimas começaram a correr pelo rosto do dono da loja e a falar: — Leve o que precisar que lhe ofereço tudo. Porque chorou este homem, muito mais novo do que eu? Foram as crianças em situação muito difícil a fonte das lágrimas. Também fiquei feliz. Há mais a fazer. Não vamos poupar esforços até queimar todas as energias para que não falte a vida onde a morte teima em reinar.

Padre Manuel António

O nosso Depósito no Porto

COM as férias grandes e o fecho do Lar durante elas, é só a CASA DINA, na Rua da Conceição, 100, a porta aberta para os Amigos que exercitam a sua generosidade e confiança, repartindo connosco os seus bens.

O que é ali entregue na roda do ano! — louvado seja Deus. E a forma como é! — sacos e pacotes de coisas boas de que nem se quer um talão comprovativo para que fique mais seguro o segredo para a mão esquerda do bem que faz a direita! Tudo cá vem ter mesmo neste silêncio em que só Deus penetra.

Para quem naquela CASA nos representa e para quantos a procuram, o nosso bem-haja muito amigo.

Padre Carlos

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

A MISÉRIA — Apesar de estarmos em férias, não deixamos de pensar naqueles que precisam da nossa acção. Até mesmo no que se refere àquilo que nos diz a imprensa.

Ainda agora, tomámos a iniciativa de recortar uma pequena parte de um trabalho que fixou os nossos olhos. Afai vai:

«A miséria espreita a sociedade portuguesa, onde as discrepâncias entre ricos e pobres são obscenas.»

O Banco Alimentar contra a Fome forneceu numerosos elementos inquietantes: 24 por cento das famílias portuguesas estão em situação de pobreza extrema. 30 por cento dos pobres em Portugal são idosos pensionistas. 15 por cento da população está em risco de persistência na pobreza. Mais de 207 mil pessoas e 1100 instituições são assistidas pelo Banco Alimentar contra a Fome.

Devo dizer que não alimento nenhum regozijo em criticar... Porém, é impossível passar ao lado dos incumprimentos, das lacunas de memória, das baralhadas, das mentirolas, das omissões, dos impudores.»

PARTILHA — Assinante 75292, de Bucelas, com um cheque de 100 euros, e uma carta que vamos publicar: *«... os pés são teias que prendem os pés...», afirma o nosso Padre Telmo. O Senhor põe os bens à nossa disposição para os partilharmos, caso contrário, como bem diz o Padre Telmo, são teias que nos prendem os pés. Assim, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, aqui envio o meu donativo para a Conferência de Paço de Sousa, que não lhe faltará ensejo de destino». Chegou na hora própria, meu bom Amigo, e expressamos a nossa gratidão.*

Assinante 54917, de Aveiro, presente com um saco de roupa e brinquedos usados, para os Pobres, evidentemente. Deus lhe pague.

Mais uma presença amiga, da assinante 5963, de Paço de Arcos, com 200 euros e *«saudações em Cristo»*, que agradecemos.

Assinante 61385, do Porto, que afirma: *«Eu, pecador, me confesso, de ter estado ausente tanto tempo. Trabalhos públicos, preguiça, desleixo, e pecados de ordem material mantiveram-me afastado do espírito do Padre Américo. O último número do Famoso é imensamente feliz com tão sábias palavras nos diversos artigos, sinais de respirar a divisa, a semente que colhe os gaiatos. Em desejo de penitência, mais uma migalhinha anónima, como sempre, para ajudar os Pobres e as despesas de férias dos rapazes: 100 euros».*

A habitual presença da assinante 11856, do Porto, com 250 euros *«para a vossa Conferência. Esta quantia é em agradecimento, em acção de graças pelos benefícios que tenho recebido de Deus por intercessão dos Santos, pelo Pai Américo».*

Cem euros, de Lígia, de Fiães, *«para aliviar a farmácia».* Idem, de Helena, de Cascais, *«para jovens sem emprego, como a minha filha».* Assinante 1121, nossa Amiga de há muitos anos, com 50 euros. Deus a proteja. A presença habitual da assinante 57002, de Senhora da Hora, *«pequena oferta de Junho e Julho».* Assinante 77414, de Paranhos da Beira, que pôs em ordem a conta d'O GAIATO. Mais 50 euros, da assinante 32925, da Guarda,

que também não esqueceu O GAIATO. Agora, *«é mais um grãozinho, de Lourdes, de Cacém, que não esquece rezar por vós».* De Coimbra, *«uma gota de água nesse oceano de ajudas a bem fazer ao próximo — 60 euros»*, da assinante 75606. *«Pequena quantia»*, da assinante 47518, de Vila Nova de Gaia. Ainda de Gaia, 300 euros *«para as necessidades dos vossos Pobres».* De Pardilhó, 150 euros, *«por alma do meu querido João que Deus levou para Si...»*, afirma.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

Santo Antão do Tojal

Memória Missão cumprida

*Dói tanto nesse adormecer
Hoje deixei de ver o teu olhar
O olá mano*

*Tornou-se numa voz muda
Tornaste-te numa flor seca
Isso só o corpo*

*Porque a alma permanece a meu lado
Deno-có é o teu nome de guerreiro*

*Nesta terra sem misericórdia
Solene... os pilarmos brilham...*

Numa luz infinita

Já não tens lágrimas de dor

Amor e paz reinam em ti

Menino dos nossos olhos

Nada te separa de nós

Pois o amigo é a espada

Mais forte quando esse existe

Aqui tens a prova meu amigo

Nesse teu adormecer não estás só.

Abílio Pequeno

Setúbal

MILHO — Já começámos a cortá-lo. O João está no tractor com a máquina de cortar milho, no terreno. O «Fernandinho» e o Amândio transportam as cargas até ao silo. Lá, estão os rapazes a fazer as descargas e a espalhar. O «deserto» e os campos ao lado das casas encheram um silo. O resto dos terrenos será para encher outro. Esperamos que as vacas gostem do alimento.

VACARIA — Num dia, de manhã, o nosso Padre Júlio apareceu para ver as vacas e reparou que, no curral, tinha nascido uma bezerrinha. Depois, foi-nos chamar, ao David e a mim, que estávamos na ordenha, para pôr a vaca e a bezerra na «maternidade». Ficaram bem.

Para os meses de Agosto e Setembro temos muitas vacas para parir. Esperamos que não aconteça nada de mal.

Tiragem média d'O GAIATO,
por edição, no mês de Julho,
57.700 exemplares

BATATA — Os nossos rapazes, em três semanas, apanharam um terreno muito grande de batata. O «Fernandinho», com a máquina de arrancar a batata, foi de fila em fila levantando-a. Depois, os rapazes retiraram-lhe a rama e apanharam-na para os caixotes. No fim, colocavam as caixas no atrelado do tractor que as levava para a «casa da batata». A D. Fátinha, a D. Isaura e alguns rapazes, escolheram-na e espalharam-na para ficar conservada e armazenada. Foi assim a apanha da batata este ano.

POMARES — Em cada um estão dois ou três rapazes a regar. Os pomares são de macieiras, pessegueiros, ameixoeiras e laranjeiras. Também regam os jardins e os canteiros. Este mês ainda não morreu nenhuma árvore por falta de água.

FÉRIAS — Os do segundo grupo já estão na Arrábida. A D. Conceição vai acompanhar-nos no que for preciso. Os do primeiro grupo tiveram um bocado de azar por causa do incêndio da Arrábida, mas foi só um receio. Mesmo assim, passaram as férias descansados, contentes por estar lá. Esperamos que os do segundo grupo também digam o mesmo.

Horácio

Miranda do Corvo

ESCOLA — O ano lectivo já terminou, há algum tempo. Recebemos as notas; umas, boas; outras, menos boas.

Para melhorar o aproveitamento, iniciou-se uma espécie de curso de Inglês, para os alunos que procuram aproveitar.

Este curso tem como objectivo fortalecer e desenvolver o Inglês a partir do básico. A professora que nos está a dar apoio é a Dra. Masete, especialista em línguas germânicas. Durante o ano lectivo também nos dá apoio.

RAPAZES — Aqueles que tiveram melhores notas, receberam alguns «prémios». O Ronaldo e o Mário foram a França, num intercâmbio organizado pela Câmara Municipal de Miranda do Corvo. Estiveram lá quinze dias, entre outros rapazes e raparigas de várias nacionalidades.

Também o Gerson, o Luís e o Bruno foram a um campo de férias, no Alentejo, organizado pela escola que frequentaram: a Martin de Freitas.

Moçambique

Escolinha da «mamã» Lucília

DIA grande para esta Casa, a visita do Senhor Ministro do Trabalho e Solidariedade Social, com sua equipa da Cooperação, para inaugurar a nossa «Escolinha Mamã Lucília». O nome é uma homenagem àquela Senhora de cabelos brancos, com a alma afogueada de zelo pelos mais desprotegidos, que não esmorece em solicitude, desde Cabo Verde a Timor.

Estavam também a Senhora Mi-

O Francisco foi embora para junto da família. Apesar de tudo, foi bem formado, já tinha o 9.º ano e alguma experiência no ramo da mecânica, pois trabalhou na Auto-Garagem de Coimbra.

ANIVERSÁRIO — Será importante referir que a D. Maria da Luz celebrou 80 anos de idade, no dia 24 de Julho. Deus a abençoe e lhe dê saúde.

PRAIA — Foram feitas algumas obras na nossa casa da praia, principalmente na cozinha, onde se substituiu toda a banca e foram assentes pedras de mármore que dão mais higiene e beleza à nossa cozinha. Também as mesas da sala de jantar foram restauradas, entre outras coisas.

Depois das obras, seguiu o primeiro turno para férias; o grupo dos mais pequenos, acompanhados pela senhora Mafília, entre outros rapazes mais velhos. Estão a passar férias conosco duas Missionárias Combonianas: a Susana e a Sandra. Elas ajudam a alegrar as nossas orações e fazem vários jogos.

Durante a primeira semana de férias na praia, temos recebido algumas ofertas e visitas. Recebemos um antigo gaiato que nos veio trazer ervilhas e feijão verde, entre outras coisas. Recebemos, também, a visita de algumas pessoas da Associação Infância D. Teresa, de Albergaria-a-Velha, que nos levaram a merenda, roupas, calçado e muitos brinquedos para os nossos rapazes se divertirem.

É importante referir, também, que, à semelhança de anos anteriores, a senhora Dorinda, que trabalha no Mercado da Praia de Mira, continua a oferecer pão e bolos que nos servem de acompanhamento às refeições. A todos agradecemos o carinho e a atenção com que nos tratam.

AGRICULTURA — Já terminou a apanha da batata. Este ano tivemos uma colheita razoável.

O milho e o feijão continuam a desenvolver-se; o mesmo não se pode dizer da cebola que, este ano, não deu para nada.

Adriano

Lar do Porto

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Voltamos à vossa presença para darmos testemunho do nosso trabalho.

São muitas as carências com que nos debatemos no dia-a-dia. O desemprego a aumentar, a insatisfação das pessoas que se sentem inseguras, porque por muito que queiram manter um nível de vida equilibrado, não o conseguem. Os bens essenciais aumentam, as dívidas começam a surgir nas mercearias, água, luz e renda de casa.

As famílias que visitamos sempre tiveram dificuldades, mas cada vez são maiores, porque os seus rendimentos são mínimos e como estão com a saúde debilitada, devido à sua idade, só na farmácia fica quase todo o seu rendimento. É frustrante, mas se não forem encontradas outras soluções não sabemos até quando as Conferências vão poder contornar estas situações.

Neste momento, a nossa Conferência também está a ficar pobre de mão-de-obra; precisamos de casais, gaiatos, que queiram trabalhar conosco, darem um pouco do seu tempo ao Próximo. É tão gratificante saber que podemos dar um pouco do nosso tempo aos nossos irmãos mais carenciados e proporcionar-lhes alguns momentos de prazer. Queremos dar uma lufada de ar fresco e proporcionar a outros que partilhem conosco a sua experiência. Contamos convosco.

Estamos em período de férias, pedimos desculpa aos nossos Leitores pela demora de resposta às vossas cartas. Mas, devido ao acima exposto, é um pouco complicado. Esperamos com fé e com a ajuda do Senhor, a dar-nos forças, poderemos dar continuidade à nossa caminhada.

Queremos agradecer as vossas cartas e mensagens de encorajamento, é gratificante receber o vosso carinho e amizade. Sempre que é a nossa vez de escrever ficamos emocionados, porque são corações como os vossos dos quais precisamos para dar continuidade a esta Conferência.

RECEBEMOS — Amiga Francilina, da Amadora, 50 euros; assinante 33275, cheque de cem euros; Maria Luísa, o seu donativo; Amiga, de Fiães, a sua habitual ajuda; Amiga, de Esmoriz, a sua gotinha; Amigo, de Bucelas, o seu cheque; Amiga Carolina, cheque; Duvalina, 20 euros; Joaquim Silva, 25 euros; M. M., 100 euros; de Santa Cruz do Douro, 50 euros; Anónimo, o seu donativo; Maria Alice, 10 euros; Maria Inês, 60 euros.

Conferência de S. Francisco de Assis, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

Pão de Vida

Orientação

A nossa fonte de S. João começava a demonstrar sinais de evidente fraqueza, depois de uma estiagem prolongada.

Entretanto, levantaram-se no poente nuvens carregadas que anunciavam mau tempo para os que esturricam nas praias, vítimas da moda. Tornava-se insuportável a poeira, quando algumas chuvadas calaram as sirenes e estancaram temporariamente as regas, nomeadamente do milhão. Os cachos que vingaram na alimpa conseguiram captar vestígios de humidade e não induzem desânimo, apesar de algum pó nos bagos.

Enquanto a pequenada e aqueles que transitaram de ano gozavam férias junto ao mar, no bulício estival, vivemos, nestes dias, num frenesim por causa do percurso escolar, isto é, do *projecto de vida*, como insinuam os tecnicistas, de uma dúzia dos nossos filhos mais

espigados, para além de meia centena que seguem a escolaridade obrigatória.

Os percalços sofridos na infância, devido à desagregação da família natural, projectaram-se no desinteresse pela aprendizagem.

No código genético humano está inscrita a necessidade inalienável da mãe e do pai. As mutações provocadas pelos deslizos conjugais e por mentalidades desviantes à união monogâmica, conduzem a patologias com sintomas de desespero e amargura.

Jesus pegou na tradição rabínica e pinta-nos o quotidiano em parábolas, que abrangem as vertentes da actividade humana, do campo à cidade e ao mar.

Os nossos pequenos estavam radiantes por apanharem mexilhões e caranguejos nas rochas, mas foram prevenidos para não escorregarem.

Alguns que desperdiçaram o

tempo lectivo, limpavam a adega, a vacaria e a pocilga antigas; enquanto outros começaram a desvastar as mimosas e matos que rapidamente se propagaram em torno das árvores autóctones, de crescimento lento, como os carvalhos e os castanheiros.

O culto da leveza e do desgaste dos sentimentos não é compatível com a escolha do tesouro reluzente de pérolas que são os dons na vida de cada criança que temos nos braços.

Para separar a iniquidade do bem, o Senhor serve-Se de anjos, *aqui e agora*.

Bombardeados por sons e imagens despidorados, exige-se perseverança e lucidez na formação de corações inteligentes que saibam deitar fora o peixe que não presta, discernindo o bem do mal, para escolherem a serenidade do Caminho aplanado pelo Mensageiro. Há uma certa timidez e confusão reinantes em chamar os bois pelo nome.

Há dias, encontrámos uma bússula que deixaram cair na via, mas que ainda apontava o norte.

A desorientação vocacional de tantos jovens transparece em gestos e palavras de agitação e desolação.

Em especial, depois dos 15 anos, é urgente que sejam apanhados numa rede segura de ensino, ocupação e lazer.

A informação, actualmente, corre à velocidade da luz e é preciso estar atento às boas notícias, escondidas na sobrecarga da insegurança urbana, em que o medo se transforma numa pandemia.

Por isso, saudamos a redescoberta tardia, mas crescente, de cursos técnico-profissionais, do ensino oficial, no 3.º ciclo, cujo arco é crucial para aqueles que ajudamos a crescer. Encontrar uma *arte* dos seus sonhos pode retirá-los do esquema generalista de patinagem escolar, com retenções sucessivas.

As áreas a que se candidataram as escolas básicas são diversificadas e capazes de, gradualmente, lançar no mercado de trabalho jovens activos e triunfantes.

A opção que efectuaram implica grande responsabilidade e empenho, marcada por um contrato de formação.

Deus não actua sozinho. Por isso, obrigamo-nos aos responsáveis das escolas que, de braços abertos, acolheram alguns filhos que a Nação desarriscou. Eles têm muitos amigos, de rosto alegre, como os de Ossela.

Acreditamos no maior sonho de Deus: a felicidade humana.

Padre Manuel Mendes

DOCTRINA



O «rebotalho»
em Paço de Sousa...

Obra da Rua, que se afigura de tão largos horizontes para a maior parte das gentes, não é, porém, tomada nessa conta por certos e determinados, na terra onde ela há dois anos se instalou com a Casa do Gaiato das Ruas do Porto. Não é. Ali, é um bocadinho execrada. «Em má hora, diz-se, se lembrou fulano (eu) de trazer para uma terra tão linda e de tão nobres tradições, os tarados, os viciosos, os imbecis — crápula». Esta mesma palavra e seu desdobramento foram ouvidas por nós, da boca de alguém muito aborrecido e muito descontente, por via da «triste» empresa a que eu metera ombros — o «rebotalho» em Paço de Sousa.

ORA eu, antes de me instalar no Norte, já tinha a experiência da Casa de Miranda do Corvo e sabia perfeitamente que a dita «crápula» me não havia de deixar ficar mal, mesmo em «terras de nobres tradições». Muito às avessas, os nados e criados no lugar onde estamos é que se têm descomposto um nadinha, na presença destes seres «perigosos». Assim, a nossa capoeira já foi por duas vezes assaltada, com êxito total em uma delas. A nossa mata, escalada. De uma vez que o Sérgio ali foi increpar uma mulher, tais palavras ouviu que se veio embora horrorizado; ele, o «cisco» indesejável! A nossa canalização de água foi criminosamente violada por um habitante da terra de «nobres tradições». Temos tido ocasião de despedir da nossa Casa, por actos desonestos, auxiliares indígenas apontados e repelidos pela «crápula» que aqui mora. De onde se conclui que o perigo social que este pequenino mundo oferece, não se encontra tanto nele como naqueles que o afastam.

ESTAS infinitas legiões de mocidade portuguesa, por menos afortunadas, não podem ser repelidas, pois que são a nossa porção. Não é de forma nenhuma a desigualdade que desequilibra o fiel da balança; é mas é a injustiça. Ora nós seremos tanto mais injustos quanto mais cruelmente nos afastarmos dos da nossa carne.

O Evangelho tem aqui toda a sua força. Jesus de Nazaré abriu as portas de um novo mundo quando mandou sentar à nossa mesa aqueles que não podem retribuir. Quem não entrar por esta porta não compreendeu a essência d'Ele, nem a responsabilidade do nome de cristão. De nada vale envergar opas de seda, ser-se juiz de Irmandades, ter capela em sua casa, como, em regra, são e têm muitos dos que não querem nada com a «crápula»; e são tão fáceis em produzi-la! São os sublimes do mundo, de fimbrias imaculadas que se não querem sujar na poeira dos caminhos e sujam as fontes onde o Povo bebe! São os herdeiros de grandes fortunas amealhadas por outros, que nunca experimentaram a doçura de comer pão feito de suor; e cuidam que na verdade merecem aquilo que desfrutam. Se são muitas vezes as causas dos atropelos no mundo, como dizem os mestres de Sociologia, esta sorte de cegueira não é de todas a menor. Não é.

D. Américo

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Setúbal

Ano escolar

OS meses em que decorre o ano escolar são sempre tempo de preocupações e, por vezes, de aflições. Encontrar os rapazes motivados para o estudo, não só para a frequência das aulas, é o que mais nos pode alegrar como fruto das angústias escolares.

O ano que há pouco terminou, deixou-nos um pouco mais de ânimo e de esperança num cada vez melhor aproveitamento escolar.

No conjunto dos rapazes a frequentar a escola, em todos os níveis escolares, tivemos um número ínfimo de reprovações. Embora sabendo que nem todas as passagens são objectivamente justas, o que reflecte um sistema escolar algo desgovernado, ficou-

-nos a satisfação de ver alguns rapazes mais empenhados no seu sucesso escolar.

Ao contrário, outros, também com boas condições de estudo e capacidades para o mesmo, tiveram um ano escolar irregular. A justiça que agora não lhes foi feita cair-lhes-á, mais tarde, em cima, sem dó nem piedade, principalmente para os que pretendem passar a fasquia da escolaridade obrigatória. Não custaria muito chamar de perverso a um sistema que passa rasteiras desta maneira, ao mesmo tempo que dá *palmadinhas* nas costas.

Os nossos rapazes sabem como é importante para eles o progresso escolar. Mas mais decisivo que saber, é querer alcançar esse

objectivo. Graças a Deus não lhes têm faltado ajudas nesse sentido. Também, por isso, bem-hajam todos os professores que, voluntariamente, têm apoiado os rapazes no estudo, sempre composto de aprendizagem escolar e de formação humana.

Depois do trabalho escolar, as férias na nossa casa da Arrábida.

Os poucos que reprovaram de ano, ficaram com elas muito reduzidas. Os que passaram, mas visivelmente sem merecimento, viram as suas encurtadas de alguns dias. Os restantes têm um mês de consolo e alegria junto ao mar e céu azul da Arrábida, rodeados do seu verde único.

Também aqui, não lhes falta a companhia de amigos que antigamente eram seminaristas e outros estudantes e, agora, são senhoras — mães e avós — que trazem seus netos para conviverem e crescerem com os nossos rapazes. Para elas também o nosso bem-hajam.

Padre Júlio

Ao lado desta sala outra de audiovisual, com a particularidade de ter o soalho em tacos reciclados, mas muito bonitos, onde vão assistir, acompanhados, a vídeos, aprender a ouvir música, os movimentos coreográficos das danças que tão espontaneamente sabem fazer com ritmo, que lhes veio no leite da mãe, se a tiveram, mas nem sempre com harmonia de conjunto.

No espaço aberto até às outras três salas que se vêem na foto, há duas caixas de areia, com baloiços e escorrega, para recreação de muitos. A fechar, uma sala aberta, para, em dias de chuva, fazer jogos e brincadeiras de roda. Dá para tudo. Contígua a sala de trabalho das educadoras, com arrecadação de materiais de trabalho. Ao lado ainda, os sanitários masculino e feminino em tamanhos apropriados a crianças, com seus *polibans* para as descuidadas que não sabem a tempo medir necessidades e distâncias. Há um ajardina-

mento envolvente que abre para um espaço relvado e com árvores nativas, onde predomina o sândalo.

Na palavra final de apreciação, o Ministro prodigalizou-nos duas surpresas. Uma ajuda para o equipamento condizente de todas as salas, e uma ambulância para o nosso trabalho de apoio aos portadores de HIV. É que a seguir foi lançado o primeiro bloco da Casa Esperança, aliás cada Ministro assentou o seu, numa obra que já tem os alicerces e que vai custear também.

Nesta Casa, que pela dimensão e para não aumentar encargos com mais pedreiros, vai demorar dois anos a concluir, além dos serviços normais de Saúde há uma ala exclusiva, com cinco quartos para doentes terminais de Sida. Vários dias por semana, temos de deslocar ao Hospital doentes em fase adiantada, que os nossos activistas descobrem pelas Aldeias onde trabalhamos. O Hospital não os recebe.

Voltam dois dias depois. Entretanto, levá-los de volta à palhota, onde a família já os rejeita e não têm de comer, é apressar-lhes a morte. Para os não deixar nesse desconforto, ou até que a morte os visite, como está acontecendo todas as semanas, vamos ficar com eles. É para nós um gesto sagrado, de acolhimento num leito confortável, com uma alimentação revigorante (a fome é o maior catalizador da morte nestes casos), uma palavra de esperança que alivie a angústia de adultos e crianças com a vida a extinguir-se.

É uma obra profundamente cristã, a de amparar Irmãos na hora da sua Cruz, que a Cooperação Portuguesa do Ministério do Trabalho e Solidariedade Social nos vai custear. Bem-haja Senhor Ministro e sua Equipa de trabalho, tão entusiasmada em lançar sementes de Esperança neste Moçambique profundo.

Padre José Maria

Sociedade de Consumo

NÃO foi apenas uma grande heresia dos nossos tempos esta que endeusou as coisas (talvez nem tanto a posse delas como o uso), a preção de uma despersonalização colectiva que se manifesta no apoucamento de valores que, por sua natureza, estão fora das leis da moda, são de sempre. É uma herança envenenada que as gerações responsáveis, nos últimos decénios, deixam às que, agora, se preparam para tomar, em mãos, as rédeas da vida e não vêem saídas, no momento, nem horizontes promissores de expectativas. Só a Esperança, que «é a última a morrer», só Ela nos vale! Mas também Ela está no rol dos valores menos considerados.

Foi uma heresia grande, pobre e empobrecedora. Outras, na História, surgiram de desvios de pensamento. Errar é próprio do Homem, como lhe é próprio pensar. Mas esta não lhe veio do pensar; não há nela qualquer sintoma de prévia interiorização sem a qual o Homem fatalmente se desumaniza. Veio de um hedonismo que tem vírus residual em cada homem, sempre cativo de exploração; veio de uma ânsia de vida fácil e cumulada de prazeres; e de uma avidez de lucro que se tem desdobrado em estratégias para o conseguir e persiste apesar das dificuldades.

A sociedade de consumo é um lugar onde a *deseducação* se implantou e reina. Dá asas ao supérfluo e corta-as ao essencial: trabalho; honradez bi-lateral no trabalho; contenção de gastos em ordem a uma saudável poupança — alicerce de independência; sentido dos Outros que lembre a cada um que no Planeta (é tempo de

pensarmos em termos de globalização), se exprimem por *grandes números*, terríveis, os que sofrem a ausência de bens básicos para a manutenção da vida com um mínimo de dignidade inerente à condição humana. Por muito que, hipocritamente, se fale em solidariedade, a *dolce vita* anestesia as sensibilidades para a Justiça social. Por exemplo: a aceitação pacífica de ordenados fabulosos, ou de regalias de direito duvidoso, a classes que são sempre um punhado de gente em relação ao Povo. E o próprio Povo cala... e consente! Toda uma Burocracia instalada a pretexto de o servir... e com muitos pretextos primariamente se serve. E o Povo cala... e consente! Falsas aristocracias, em nada preferíveis às de tempos recuados, conforme ao provérbio: «Se queres ver o vilão, põe-lhe a vara na mão».

Sociedade de consumo é sinónimo de *sociedade de desperdício*. Ainda esta vertente cabe na *deseducação*, mas o seu crescimento merece-lhe um tratamento à parte. O que se estraga é realmente assustador. A quem enfrentou a *morte ainda viva* na pessoa de um velhinho que ciciza «fome» em voz imperceptível, e amanhã ou depois já nada dirá; ou a criancinha, só pele e ossos, chupando em vão o seio da mãe, também ela curtida pela fome — como experimentei em Malanje — custa muito a sofrer estes espectáculos de desperdício que só fechando os olhos se não vêem.

A era do plástico e do cartão empolou a tecnologia das embalagens que dão muito que descascar até chegarmos ao produto consumível. Estamos na *civilização do lixo*. Este tornou-se

uma figura pública que dá muito que falar, até nas arenas políticas. Lixeiros, aterros sanitários, incineração... tornam-se um problema com voz activa para o qual se opinam diferentes soluções... que o Povo terá de pagar. É assim que a factura da água se tornou a maior entre as outras tradicionais, porque é em função dela que se debita o saneamento e os resíduos sólidos com as respectivas sobretaxas, nada amáveis. A água, penso que é, na verdade, um índice de civilidade em que se tolerará, às vezes, um exagero no gasto... mas é a água! Agora que sejamos supostos produtores de lixo, na proporção de consumidores de água, não me parece criterioso nem respeitador dos direitos do cidadão. E o que representa o lixo é a parcela um bocadinho maior. Se calhar, temos que fazer um poço no quintal para que, com a água a zero, se anulem as outras parcelas...!

Isto são factos com o seu quê de anedótico, todavia exemplares. Porém, o que deveras preocupa é a mentalidade entretanto criada e em que se continua a teimar — mau caldo de cultura para novos caminhos, de austeridade sem miséria, que nos reconduzam à dignidade de Nação livre, Povo de brandos costumes que tradicionalmente temos sido e queremos ser, o que só é possível com muito trabalho e uma gestão sensata e justa da nossa própria condição. Não faltam capacidades a cada português. É vê-los emigrantes a fazer boa figura; foi vê-los *retornados* a recomeçar do zero, com grandes sacrifícios, vidas que fizeram progredir. Assim o somatório destas capacidades não seja dissipado pela cegueira de aparências «para inglês ver»! — tal é a tentação dos que regem a *coisa pública*.

Padre Carlos

Calvário

A hora dos amigos

FORAM já centenas aqueles que por aqui passaram a caminho do Além. Muitos vieram expressamente para morrer. Alguns não tinham consciência da sua grave situação; outros sabiam-no. Mas isso não era, tantas vezes, para eles ocasião de tristeza ou angústia. Pelo contrário. A maioria vinha desiludida, maltratada, rejeitada. E aqui encontrava amigos na mesma barca, felizes por poderem ainda viver, aproveitando todos os momentos para realizarem alguma coisa ou simplesmente conversarem e rirem. E assim encontravam-se a si mesmos no encontro com os outros. Parecia que aproveitavam os dias da vida como únicos. A certeza da impossibilidade de cura dava-lhes mais vontade de viver, de viver bem, de estabelecer laços fortes com os outros, de partilhar a vida passada e presente.

O Senhor António, de quem recentemente dei notícia da sua morte, apesar dos limites que a trombose lhe impusera, estava tranquilo no seu leito. Um dia, veio a esposa e perguntou-lhe se desejava voltar para casa. — Que não, acenou com a cabeça, pois não falava. E sorriu. Tinha aqui amigos, tinha aqui a presença de quem o estimava.

Os amigos são, na verdade, ajuda preciosa nestes momentos derradeiros. A ânsia de os levar manifesta-se, por vezes, no agarrar das mãos de quem está a seu lado.

O «Limão» era um rapaz limitado fisicamente, mas muito capaz. Tinha a responsabilidade da nossa vacaria. Todos o estimavam e admiravam.

Um sarco-linfoma surgiu-lhe inesperadamente aos 20 anos. Foi internado no hospital. Inúmeras vezes ali me desloquei para o ver e falar. Certo dia, logo ao chegar, vejo que tem algo de muito importante para me comunicar.

— *Sabe, tenho um cancro. Vou durar pouco tempo.*

As lágrimas vieram-lhe aos olhos. Os meus também humedeceram. Mas sorrimos um para o outro. Ele sabia que eu era seu amigo. Por isso, confiou-me sereno a sua confiança. E acrescentou:

— *Gostava de ir ver os meus colegas. Tenho saudades deles.*

Uma ambulância trouxe-o a nossa Casa. Foi um conforto para ele ver como todos o acarinharam.

Na manhã seguinte havia Eucaristia. Era Domingo. Dois deles levaram-no ao colo para a Capela. Aí rezou com os demais.

À tarde, regressou ao hospital, como tinha sido acordado. Pelas vinte e três horas recebo um telefonema: — O seu Manuel acaba de falecer.

Ele partiu levando consigo os amigos.

A nossa sociedade precisa de ter uma atitude mais digna, verdadeira e compreensiva, perante a morte. Esta faz-nos viver com mais empenho o dia-a-dia; com mais desejo de arranjarmos amigos para não nos sentirmos sós quando partirmos.

Padre Baptista

Portal de Eternidade

A Casa do Gaiato de Lisboa passou por uma experiência de dor e esperança.

Um rapaz de dezanove anos faleceu-nos no Hospital de Santa Maria, após um longo período de grande sofrimento.

O Deno C6, natural da Guiné-Bissau, foi encontrado, doente e sem recursos, por uma alta personalidade política portuguesa, de visita àquele país, que se prontificou a trazê-lo para um hospital de Lisboa.

Passado algum tempo, a criança começou a fazer hemodiálise e, não precisando de continuar internado, veio para nós.

No processo dele, encontra-se a cópia duma carta do Padre Cristóvão a dizer que se responsabiliza pelo Deno.

A que porta irão bater os pobres? E qual a razão porque um estrangeiro ou desprotegido, terá sempre de bater à porta da Casa do Gaiato?

A sua presença é uma bênção. A nossa Obra recebe pelos pobres estas graças particulares.

Após alguns anos de diálise surgiu a oportunidade de um implante renal e a alegria voltou ao rosto do já adolescente por menos de meia dúzia de anos.

Quando aqui cheguei, nos fins de Maio, já o nosso jo-

vem fazia, outra vez, hemodiálise, o rim enxertado não funcionava e a sua saúde notava-se muito frágil.

Levado, numa noite, para o hospital já referido, acabou por não suportar uma intervenção cirúrgica e o Senhor veio buscá-lo.

Tornou-se, assim, mais próximo de todos nós o portal da Eternidade.

A morte na juventude fala mais alto, cava mais fundo a dor provocada e evidencia, pela Justiça Imanente, que a Vida Eterna tem de ser uma realidade e que a Nossa Esperança, fundamentada no Mistério de Cristo, se transfere na perpétua comunhão com Deus.

Padre Acílio

Tribuna de Coimbra

Continuação da página 1

final da Eucaristia, amigo destas «andanças» adiantou: «As madeiras que forem precisas, é comigo...»

Neste dia, de olhos postos na Palavra de Deus, encorajámo-los, a ambos e a todos, a que fizessem sua, ao

longo da vida, a belíssima oração de Salomão: «... Eu sou muito novo e não sei como proceder. Dai ao vosso servo um coração compreensivo para distinguir o bem do mal...» Encorajámo-los a Comunidade cristã a olhar para eles e para a casa que habitam.

Também é Igreja onde Deus habita. Que nas «pressas» de chegar à Casa de Deus, não seja esquecida a casa onde habitam os homens, Seus filhos, com os seus problemas e incertezas... Encorajámo-los a nunca desistir de procurar o tesouro da felicidade, que

não se encontra nas propostas do consumismo, ou do amor a prazo. Que arriscassem o impossível pelo tesouro que são os filhos que Deus lhes confiou. Que não desistissem facilmente de procurar Jesus nos obscuros caminhos da vida; que a persistência é alma de toda a busca de amor e de felicidade. Enfim, compreendemos melhor porque é que desde o início da cele-

Praticando o Bem

Continuação da página 1

Os nossos visitantes não viram nem crianças nem jovens. Só encontraram técnicos.

Impressionou-os a organização e a ordem, mas ninguém lhe falou de resultados.

Muito cedo os jovens são atirados para o mundo do trabalho e da independência sendo, de alguma forma, amparados ou vigiados por técnicos.

Todos conhecemos a perspectiva da Obra da Rua: — Se a criança não tem família há que lhe criar uma para ela. Deus quer que, do seio da Comunidade Cristã, surjam homens e mulheres apaixonados por Jesus Cristo, com generosidade suficiente para renunciarem ao casamento e construírem estas famílias para as crianças que não têm e sejam livres na sua acção.

Este continua a ser o caminho mais próximo da natureza, após a adopção e o mais correcto segundo a ciência e a experiência. Caminho difícil e penoso que o mundo, porque não é capaz, não acredita e combate.

Esta foi a batalha do Pai Américo e tem de ser a nossa.

Padre Acílio

bração a Comunidade se deixou envolver tanto. O Senhor tem uma forma singular de revelar os Seus preferidos e, sobre eles, faz

incidir uma atracção irresistível: Ele esconde-Se neles; faz-Se amar neles e por eles.

Padre João